

**CONTRIBUIÇÕES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNILAB PARA COM A
ATUAÇÃO DO/A PEDAGOGO/A EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL:
EXPERIÊNCIAS NO MEMORIAL LEPROSARIA CANAFÍSTULA¹**

Milena Maria Gomes Araújo²

Geranilde Costa e Silva³

RESUMO

O presente artigo expõe um estudo científico sobre as contribuições do Curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) para a formação do/a pedagogo/a para atuar em espaços não formais de educação, tendo como foco experiências vivenciadas no Memorial Leprosaria Canafístula. O curso de Pedagogia da UNILAB forma sujeitos capazes de atuar em diversas áreas da educação, tanto como produtores/as e disseminadores/as de conhecimento, por meio da docência, como gestores/as de processos educativos e agentes sociais em espaços escolares e não escolares. Enquanto estudante de pedagogia e mediadora do Memorial Leprosaria Canafístula, diversas inquietações surgiram sobre o fazer pedagógico dentro de uma instituição de saúde que tem propostas educativas, mas afinal, qual é o papel do/a pedagogo/a nesse espaço? Quais as atribuições do/a pedagogo/a nas instituições culturais? Como desenvolver ações educativas nesses lugares? Quais as possibilidades de atuação pedagógica fora do ambiente escolar? Para tanto, utilizaremos como metodologias, a pesquisa bibliográfica, com os estudos de Brandão (2002), Libâneo (2013), Gohn (2011) e Marandino (2017) que abordam sobre a educação não escolar. A partir do estudo em questão, é possível afirmar que o/a pedagogo/a também pode ser capacitado para gerir processos educativos, processos estes que estão presentes nos espaços formais e não formais de educação, um campo de atuação abrangente.

Palavras-chave: Curso de Pedagogia. Educação não formal. Atuação Pedagógica.

ABSTRACT

This article exposes a scientific study about the contributions of the Pedagogy Course at University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB) to the formation of a pedagogue to act in non-formal educational spaces, focusing on lived experiences at the Leprosaria Canafístula Memorial. The UNILAB Pedagogy course forms

¹ Artigo apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia, em 2021.

² Bacharel em Humanidades e Licencianda em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. E-mail: milenagomes_vida@hotmail.com.

³ Professora Orientadora. Dra. em Educação. Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. E-mail: geranildecosta@unilab.edu.br.

persons capable of working in different areas of education, both as producers and disseminators of knowledge, through teaching, as managers of educational processes and social agents in school and non-school spaces. As a pedagogy student and mediator at the Memorial Leprosaria Canafístula, several concerns arose about pedagogical practice inside a health institution that has educational proposals, but after all, what is the role of the pedagogue in this space? What are the assignments of the pedagogue in cultural institutions? How to develop educational actions in these places? What are the possibilities of pedagogical performance outside the school? To this end, we will use bibliographic research as methodologies, with the studies of Brandão (2002), Libâneo (2013), Gohn (2011) and Marandino (2017) that approach non-school education. From the study in question, it is possible to affirm that the educator can also be trained to manage educational processes, processes that are present in formal and non-formal spaces of education, a comprehensive field of action.

Keywords: Pedagogy Course. Non-formal Education. Pedagogical Performance.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo refletir sobre as contribuições do curso de Pedagogia⁴ da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) para a atuação de pedagogos/as em espaços de educação não formais. O curso de Pedagogia da UNILAB forma sujeitos capazes de atuar em diversas áreas da educação, tanto como produtores/as e disseminadores/as de conhecimento, por meio da docência, como gestores/as de processos educativos e agentes sociais em espaços escolares e não escolares.

Abordamos neste estudo, mais especificamente, a área da educação não formal, partindo dos relatos das experiências vivenciadas por mim, junto ao Memorial Leprosaria Canafístula, relacionando-as aos saberes provenientes da formação em Pedagogia.

Constituir-se pedagogo/a é um processo contínuo, composto pelo acúmulo de saberes adquiridos ao longo de nossa existência, advindos das experiências pessoais, profissionais, formativas e coletivas, ou seja, de toda e qualquer integração entre os sujeitos inseridos em sociedade. Portanto, são esses saberes que constituem a nossa identidade pessoal, profissional e docente.

Desse modo, sendo a formação acadêmica uma das fontes de aquisição desses saberes: “de um certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação, etc” (TARDIF, 2002, p. 63), é que buscamos elencar as contribuições da formação acadêmica no curso de Pedagogia da UNILAB.

⁴Curso realizado no Ceará.

A minha relação com a temática aqui apresentada surgiu em 2014, quando passei a trabalhar no Centro de Convivência Antônio Diogo (CCAD), antigo hospital colônia para pessoas acometidas pela Hanseníase⁵. É interessante ressaltar que realizei a pesquisa de conclusão do Curso de Humanidades no espaço do CCAD⁶. Nesse sentido é relevante pensarmos que,

ao considerar as motivações institucionais dos/as orientandos/as como relevante para o ato de pesquisa estou partindo do princípio de que o desvelar dessas motivações podem ajudar com que esses/as reconheçam, primeiro, que a escolha de um tema de pesquisa e os procedimentos teórico-metodológicos estão sempre alicerçados em uma concepção de ciência. E segundo, que essa concepção de ciência pode considerar ou não como relevante às questões de ordem objetivas e/ou subjetivas. (SILVA et al., 2020, p. 566)

No ano de 2018, o Centro de Convivência Antônio Diogo (CCAD) promoveu a implantação do Memorial Leprosaria Canafístula, um espaço cultural composto por salas de exposição permanente. As salas são compostas por fotografias, livros de registros, mobiliários, vestimentas, artigos religiosos, inúmeros artefatos que recontam a trajetória do espaço desde a fundação, na década de 20, aos dias atuais, percorrendo os processos de adoecimento, internamento, cura e desospitalização dos/as pacientes de hanseníase.

Com a inauguração do Memorial Leprosaria Canafístula, fui convidada a assumir a coordenação, um desafio que caminhava junto com minha formação acadêmica, pois era estudante de Pedagogia na UNILAB. Com essa relação, surgiram inúmeras inquietações sobre o fazer pedagógico dentro de um espaço não escolar, mas afinal: *Qual seria o meu papel como pedagoga neste espaço?* E mais: *Quais as atribuições do/a pedagogo/a nos museus e/ou instituições culturais?*

Assim, nasce este estudo científico, com seu caráter qualitativo que “exige um olhar aprofundado do contexto e do local em que é executada e, também, uma interação entre o pesquisador e o objeto” (VIEIRA, 2012, p. 43).

Esse estudo estrutura-se em quatro momentos: no primeiro, abordamos as áreas de educação formal, não formal e informal; no segundo, apresentamos o curso de Pedagogia da UNILAB e suas contribuições para a atuação pedagógica em espaços não formais; no terceiro apresentamos as experiências vivenciadas no Memorial Leprosaria Canafístula; e no quarto,

⁵ A hanseníase é uma doença crônica e infecciosa causada por *Mycobacterium leprae* (M. leprae), em que cerca de 5% das pessoas expostas são susceptíveis, perpetuando a transmissão, principalmente pelas vias aéreas superiores (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2020).

⁶ ARAÚJO, M. M. G. Descortinando histórias de vida do Centro de Convivência Antônio Diogo, em Redenção, (CE): relatos de ex-pacientes portadores/as de hanseníase e de seus familiares, 2016.

analisamos os saberes adquiridos no Curso de Pedagogia da UNILAB para a atuação profissional.

2. AS ÁREAS DA EDUCAÇÃO: FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL

“Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar” (BRANDÃO, 2002, p. 07). Tendo por referência essa premissa, indago: *Nos deparamos com a educação em todos os aspectos da vida cotidiana, mas afinal, o que é educação? Em quais espaços podemos perceber práticas educativas? Sendo a pedagogia a ciência que trata da educação, quais espaços os/as pedagogos/as podem atuar?*

Para fundamentar essas indagações, iniciamos por compreender o que é educação. Etimologicamente, a palavra Educação tem origem no latim – *educatio*, que possui o significado de cuidar, alimentar, criar. Conforme o dicionário Michaelis (2021, *on-line*), educação é o ato ou processo de educar(-se), processo este que visa o desenvolvimento integral do sujeito através da apreciação de métodos com o intuito de garantir a formação cidadã.

A educação é um direito de todos/as prevista pela Constituição Federal do Brasil, de 1988, conforme descrito em seu artigo nº 205, a educação é “direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988).

Para Carlos Brandão (2002), na verdade, não existe apenas uma educação e sim educações, com diversas abrangências “dentro de um domínio de trocas, de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder” (BRANDÃO, 2002, p. 14).

Libâneo (2013, p. 15-16) apresenta a educação como “influências educativas como não intencionais e intencionais”, para ele, as influências não intencionais produzem saberes que são adquiridos por meio dos conhecimentos, experiências, valores e práticas. Já as influências intencionais ocorrem de forma consciente e são sistematizadas por procedimentos, métodos e técnicas.

A pesquisadora Maria da Glória Gohn (2011, p. 346) refere-se à educação por áreas: formal – ministrada em escolas; não formal - práticas educativas de formação voltadas para a construção da cidadania; e informal - socialização dos indivíduos no ambiente familiar e comunitário.

Existem controvérsias a respeito desses conceitos na área da educação e ainda está longe de haver um consenso entre os pesquisadores/as (MARANDINO, 2017), no entanto, faremos uso dos termos “formal”, “não formal” e “informal”, partindo das reflexões levantadas por Severo (2015, p, 567), que considera “que elas correspondem a uma necessidade histórica de delimitação conceitual no âmbito dessa ciência em face do aprofundamento das diferenças entre as práticas educativas e o progressivo reconhecimento das suas especificidades”.

A educação formal ocorre em espaços institucionais, com conteúdos programados e metodologias específicas, enquanto a educação não formal possui uma estrutura e uma intenção deliberada, porém pode ocorrer em diversos espaços, fora do contexto escolar, já a educação informal acontece pela troca de experiências, por meio da sociabilidade dos sujeitos.

Os resultados dessas educações diferem, uma vez que, na educação formal, espera-se que o indivíduo receba uma titulação e que suas capacidades intelectuais possam atingir níveis mais elevados. Na educação informal, não existem resultados esperados, esses ocorrem naturalmente pela interação e trocas espontâneas de saberes. E na educação não formal, os resultados podem vir nas tomadas de consciência, construção ou reconstrução de concepções, sentimentos de pertencimento, formação identitária, valorização de si e do outro, enfim, os sujeitos adquirem inúmeros conhecimentos que causam impactos tanto pessoais quanto coletivos (GOHN, 2006).

Os impactos da educação na vida pessoal e coletiva de todos/as aqueles/as que por ela passam nos fazem refletir sobre as transformações sociais, as mudanças de paradigmas, os empoderamentos, as emancipações que ocorrem por meio das práticas educativas. É nesse contexto, de educar e educar-se, que partimos para as discussões sobre a atuação do/a pedagogo/a em espaços não formais e as contribuições do Curso de Pedagogia da UNILAB.

3. O CURSO DE PEDAGOGIA DA UNILAB E A FORMAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) é uma instituição federal de ensino superior que tem como proposta a formação de sujeitos para “contribuir para a integração do Brasil com os países da África, em especial com os membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da região”. (UNILAB. PPC do Curso de Pedagogia, 2014, p. 07).

O curso de Licenciatura em Pedagogia da UNILAB possui, atualmente, um regime semestral com duração de três anos e uma carga horária de 4.400 horas-aulas distribuídas, de acordo com o Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Pedagogia (PPC) da UNILAB, em: disciplinas obrigatórias (2.430 h/a); estágio obrigatório (420 h/a); disciplinas optativas (210 h/a); atividades práticas (510 h/a); atividades de extensão (430 h/a) e atividades complementares (400 h/a).

A Pedagogia da UNILAB nasce “com a missão de formar profissionais pautados pelo compromisso de respeitar, valorizar e disseminar os valores e princípios de base africanos e afro-brasileiros”. (UNILAB. PPC do curso de Pedagogia, 2014, p. 16).

Ao verificarmos as áreas de atuação desse profissional, em conformidade com o PPC do curso de Pedagogia (2014, p. 43), o/a pedagogo/a poderá atuar como:

Pedagogo: produtor e disseminador de conhecimentos. Docente: na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos, em instituições públicas e privadas de ensino; Gestor de processos educativos: com o compromisso de atuar com autoridade e segurança nas atividades de coordenação, planejamento, organização, além de avaliação de programas e projetos pedagógicos escolares e não- escolares; Agente social e político: capaz de entender, contemplar e respeitar sempre em sua atuação, as diferenças étnico-racial, de gênero, sexualidade, religião, faixas geracionais, ambiental-ecológica, de classes sociais, entre outras; Empreendedor da pesquisa científica: principalmente nas áreas fundamentais de sua formação além da investigação sobre outros campos de atuação que se alinham a sua formação inicial.

A formação em Pedagogia da UNILAB prepara seus/suas egressos/as para atuar nos diversos espaços na área da educação, tanto em ambientes escolares como em ambientes não escolares. Nesse sentido o/a pedagogo/a, necessita compreender a educação nos seus diversos aspectos, “sociais, políticos, econômicos, psicológicos, para descrever e explicitar o fenômeno educativo” (LIBÂNEO, 2013, p. 14).

Os estudos relativos à formação do/a pedagogo/a na UNILAB tratam: de Psicologia da Educação; de Antropologia e a Sociologia da Educação; de História da Educação; de Didática; de Autobiografia; de Política Educacional; de Metodologia de Pesquisa em Educação; da Prática da atuação dos/as pedagogos/as nos ambientes não escolares, dentre outros estudos relevantes para que o pedagogo/a possa atuar nos diversos espaços educativos.

A partir do exposto, abordaremos as vivências/aprendizagens de uma futura pedagoga no exercício de suas habilidades para atuar no espaço não formal de educação, no Memorial Leprosaria Canafístula.

4. ATUAÇÕES PEDAGÓGICAS NO MEMORIAL LEPROSARIA CANAFÍSTULA

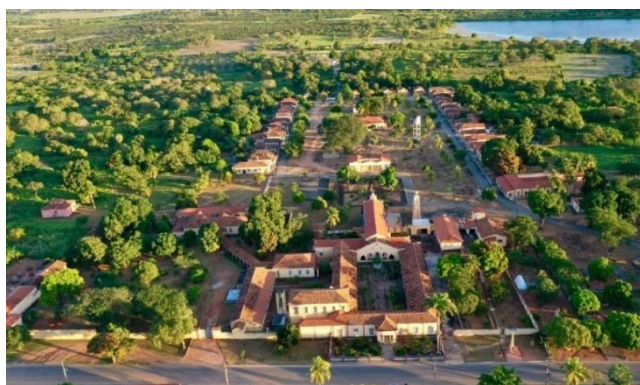
O Memorial Leprosaria Canafístula é um espaço cultural, constituído em 2018, dedicado a recontar as trajetórias da primeira leprosaria do Estado do Ceará. O antigo Leprosário da Canafístula, atualmente denominado de Centro de Convivência Antônio Diogo, foi edificado em 1928, com a finalidade de abrigar pessoas acometidas pela Hanseníase, doença infectocontagiosa sem perspectiva de cura até meados do século XX.

As Políticas Públicas de Saúde adotadas à época para o controle da doença consistiam na internação compulsória da pessoa doente de hanseníase⁷ em hospitais colônias, fatores que levaram a construção de diversas colônias em todo o território nacional. O pressuposto para esse procedimento era de que, retirando os doentes do convívio social, estariam resguardando a população sadia (ARAÚJO, 2016). “Durante vários séculos os indivíduos foram abandonados pela sociedade, família e amigos e condenados a viver em um ambiente em total situação de privação de suas necessidades básicas e afetivas, o que acabaria por levá-los à morte”. (BAIALARDI, 2007, p. 27).

Foi nesse contexto que se deu a construção do Centro de Convivência Antônio Diogo, um espaço que recria uma pequena cidade, com ruas, casas e edificações que manteriam as pessoas doentes de hanseníase isoladas e longe da sociedade em geral.

Com os avanços das tecnologias em saúde e a descoberta para a cura da doença na década de 50, os objetivos iniciais da instituição passam por alterações, deixando o caráter de Colônia passando a ser um Centro de Convivência. Atualmente, o Centro de Convivência Antônio Diogo atua nos seguintes eixos: Clínica especializada em dermatologia; Centro de reabilitação biopsicossocial; Centro de convivência e Memorial Leprosaria Canafístula.

Figura 1: CCAD – Vista aérea



Fonte: Acervo Fotográfico do CCAD (2019).

⁷ A terminologia Lepra foi alterada para Hanseníase pela Lei nº 9.010 de 29/03/1995.

Reconhecendo a história política e social do lugar, a gestão do CCAD passou a trabalhar para a implantação de um Museu da História da Hanseníase, projeto previsto para o ano de 2023.

Em 2018, a instituição criou o Memorial Leprosaria Canafístula, um espaço composto por salas expositivas que contam as trajetórias institucionais da hanseníase e dos sujeitos que passaram por ela dentro daquele lugar. As salas foram montadas a fim de proporcionar ao visitante a compreensão geral do processo de fundação, manutenção, institucionalização dos pacientes e evolução das tecnologias em saúde para a cura do doente.

Figura 2: Memorial – Sala 1 “Do pânico quanto ao contágio à fundação do Leprosário: Os anos 20”



Fonte: Acervo fotográfico do Memorial (2019).

Com a implantação do Memorial, nasceram funções específicas, nesse caso, eu assumi as funções de coordenadora e mediadora, ao mesmo tempo em que cursava pedagogia. Desse modo, passei a alinhar os saberes adquiridos ao exercício dessas funções, fato que corrobora com o pensamento de Nascimento et al (2010, p. 64), que diz que: “Os saberes pedagógicos são determinantes para a atuação do pedagogo em locais extraescolares e para sua interação com outros sujeitos, de outras áreas, no local em que ele atua”.

A mediação no Memorial é um ato educativo que visa a interação entre o sujeito, os objetos expostos e os saberes provenientes dessa interação, uma vez que cada peça, cada fotografia, cada elemento ali presentes carregam consigo uma simbologia, um significado, passível de causar sensações, sentimentos, transformações. Essa interação pode “levar os sujeitos a serem capazes de perceber, ver, sentir, apreciar e produzir, percebendo-se atores de sua história. (KUPIEC; NEITZEL; CARVALHO, 2014, p. 165).

Ortega e Santiago (2009, p. 29) nos falam sobre esses espaços educativos e sobre o papel dos/as pedagogos/as nesse processo, assim afirmam:

Para ser considerado um espaço educativo, os espaços extraescolares devem propor ações educativas, ações que carregam “a finalidade da educação de humanizar o homem e torná-lo emancipado para exercer com cidadania seus direitos e deveres”. Essa ação de humanizar é desenvolvida na coletividade, por meio de ações educativas formadoras e incentivadoras dos processos emancipatórios. O pedagogo “é o profissional capacitado para gerenciar, de forma contínua, o processo educativo de uma sociedade”.

Um dos objetivos educativos do Memorial é “contribuir para com a formação humana por meio da disseminação da informação em saúde visando a minimização do preconceito contra a pessoa atingida pela hanseníase”⁸. “A falta de informações sobre o modo de transmissão, controle e cura da doença, bem como o medo da exclusão social, contribuíram para que a hanseníase se tornasse uma doença temida nas populações”. (BAIALARDI, 2007, p. 27). Desse modo, a instituição versa por apresentar o contexto histórico da hanseníase e pontuar sobre a importância do conhecimento para a diminuição do preconceito.

Diante dos objetivos, são feitos planejamentos específicos para cada grupo de visitantes, buscando sempre incorporar conhecimentos voltados para os temas supracitados, adequando aos diversos públicos, desde grupos de estudantes de diversos níveis, grupos familiares, grupos de profissionais de diversas áreas, grupos da comunidade local, enfim, todos os públicos que tenham disponibilidade e/ou a oportunidade de conhecer o Memorial.

Assim como “na aula se criam, se desenvolvem e se transformam as condições necessárias para que os alunos assimilem conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções.” (LIBÂNEO, 2013, p. 195), no espaço não formal não é diferente, enquanto educadores/as devemos criar as possibilidades para a produção ou a construção de saberes (FREIRE, 1996). A partir dessas reflexões, apresentamos algumas experiências vivenciadas no Memorial, apontando como atuação pedagógica a mediação das visitas.

O planejamento inicia a partir da coleta de informações sobre o público que iremos receber. As visitas são previamente agendadas, desse modo, solicitamos aos responsáveis pelo grupo alguns dados que facilitarão o planejamento da visita. Dentre os dados solicitados, estão: entidade a qual estão vinculados (caso haja); faixa etária do grupo visitante; quantidade de pessoas; tempo disponível para permanência; nível de escolaridade. Diante disto, é elaborado um roteiro específico para cada grupo.

Vamos apresentar o trabalho realizado com dois grupos que visitaram o Memorial no ano de 2019. O primeiro grupo composto por crianças de uma localidade próxima ao Memorial, participantes de um projeto social. O segundo grupo composto por adultos e idosos, participantes de um grupo de auto cuidado de uma instituição de saúde.

⁸ Objetivo relatado pelo Diretor do CCAD ainda não consta em documentação oficial.

Para o primeiro grupo, buscamos abordar os temas saúde, doença e patrimônio cultural, fazendo conexões entre passado e presente, referenciando sempre a realidade atual das crianças. Para introduzir os temas, enviamos previamente aos responsáveis pelo grupo dois vídeos que tratam tanto da exposição, quanto do contexto histórico.

Com a chegada do grupo ao Memorial, fizemos uma breve recordação do diálogo que eles tiveram anteriormente sobre os vídeos, apresentamos o roteiro da visita e conversamos um pouco sobre as expectativas deles/as quanto a visita. As expectativas das crianças foram as mais diversas, tais como: *“Vamos conhecer um Museu”*, *“Eu vim conhecer a história de pessoas doentes”*, *“vai ser um dia diferente”*, *“Eu só sei que fala de coisas do passado”*.

Figura 3: Grupo 01 – 1º Momento: Abordagens iniciais



Fonte: Acervo Fotográfico do Memorial (2019).

Após esse momento, demos início a visita entre as salas expositivas. Em cada sala, foi apresentado o tema da sala e o contexto em que ele se insere, por exemplo, na primeira sala, abordamos os motivos da construção do prédio que eles/as estavam visitando, falamos de uma doença que não tinha cura, não tinha vacina nem tratamento específico. A linguagem utilizada para esse faixa etária é específica, buscamos abordar os assuntos de maneira que os mesmos possam fazer ligações entre o passado e o presente, utilizando as suas experiências e os seus sentidos.

É interessante relatar uma interação que uma das crianças fez sobre o tema doença, ela imediatamente fez referência a sua mãe e aos cuidados que a mesma tem para com ela quando adocece, ela disse: *“Quando eu estou doente, a minha mãe só me dá um remédio e fico boa, eu não ia gostar de ficar longe da minha mãe não”*. Em cada interação, diálogo, troca de saberes, é possível identificar que novos saberes estão sendo incorporados por meio das vivências das crianças.

Figura 4: Grupo 01 – 2º Momento: Visita às salas expositivas



Fonte: Acervo Fotográfico do Memorial (2019).

Terminado o percurso entre as salas, iniciamos o momento de reflexão, uma roda de conversa sobre a experiência de conhecer o Memorial e sobre os novos saberes. Sugerimos que fossem expressados de forma oral os sentimentos, as sensações que as crianças tiveram ao longo do percurso. Abrimos para o diálogo sobre as expectativas, com perguntas indutivas a fim de perceber: *“as expectativas foram confirmadas ou foram superadas?”*, *“o que eles/elas descobriram?”*, *“o que de novo estão levando consigo?”*.

Durante esse momento, as crianças conseguiram expressar sentimentos de contentamento, de motivação, de descobertas, foi possível perceber por meio de alguns relatos: *“Eu gostei muito”*, *“Foi muito diferente”*, *“Vou contar pra minha mãe, ela vai adorar, eu posso trazer ela aqui?”*

Figura 5: Grupo 01 – 3º Momento: Reflexão



Fonte: Acervo Fotográfico do Memorial (2019).

Para o segundo grupo, não foi necessário filtrar os temas, tendo em vista a faixa etária; porém, buscamos exercitar o cuidado, a atenção a fim de perceber se os mesmos estão

conseguindo acompanhar as informações expostas. Para esse grupo, foi planejado um outro percurso de visita.

Iniciamos apresentando a área interna da instituição, e ao mesmo tempo em que mostramos os prédios históricos, contextualizamos esses espaços.

Figura 6: Grupo 02 – 1º Momento: Visita à área interna



. Fonte: Acervo Fotográfico do Memorial (2019).

Após esse percurso, fomos para a área de convivência, local onde ficam alguns moradores da instituição. O contato dos públicos visitantes com os moradores é previamente combinado, para que a interação seja feita em concordância com os dois grupos. Logo na chegada, um dos visitantes relatou que *“Nunca tinha visto um lugar assim”*, fazendo referência à beleza dos prédios históricos que estavam conhecendo e ao processo de isolamento em complexos arquitetônicos que imitam uma pequena cidade.

Figura 7: Grupo 02 – 2º Momento: Visita à área de convivência



Fonte: Acervo Fotográfico do Memorial (2019).

Durante esse momento, eu me coloco na posição de observadora, não faço interferências, só quando sou questionada. Optamos por deixar que os visitantes e os

moradores tenham esse momento de interação, de partilha, de trocas de experiências, é nítido o contentamento dos mesmos.

Após esse período, saímos para as salas expositivas. Dentro das salas, surgem muitos questionamentos durante a exposição oral que é feita. É possível perceber o desconhecimento do processo histórico das políticas de saúde para o trato da hanseníase; para alguns, essa história é algo inimaginável. Daí percebemos a importância de falar sobre esse assunto e também desmistificar o imaginário sobre o contágio, as formas de tratamento; enfim, atuar na minimização dos preconceitos sobre a pessoa acometida pela hanseníase.

Finalizamos a visita com uma roda de conversa. Esse momento foi de partilha das experiências, tanto do que acabaram de vivenciar ao longo do percurso, como também das próprias experiências pessoais, relatos que são muito importantes para nós, que fazemos parte da instituição, como para quem relata.

Um dos participantes relatou que contraiu a hanseníase, fez tratamento e ficou curado, como não ficou com sequelas⁹, disse que “*não imaginava que essa doença poderia ser tão perversa antigamente*”. Um outro visitante relatou que era a sua primeira experiência em um “*museu*”, nesses seus 86 anos.

Figura 8: Grupo 02 – 4º Momento: Roda de conversa



Fonte: Acervo Fotográfico do Memorial (2019).

A partir das experiências demonstradas acima, por meio dos dois grupos supracitados, é possível refletirmos sobre o olhar, o sentir, o falar, atos que se entrecruzam em um pequeno espaço de tempo e que produzem uma ação pedagógica dentro do espaço do Memorial Leprosaria Canafístula. Essas ações são construtoras de saberes e de identidades que ocorrem

⁹ A Hanseníase “pode causar incapacidades/deformidades, quando não tratada ou tratada tardiamente (LIMA, 2021, *on-line*).

das trocas, das partilhas, das memórias, das lembranças, dos sentidos, dos sentimentos, atos que transformam, que formam, os diversos sujeitos envolvidos em todo o processo.

5. CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA AO EXERCÍCIO LABORAL

As experiências vivenciadas dentro do Memorial Leprosaria Canafístula, inferem que, o Curso de Pedagogia da UNILAB contribui para a atuação do/a pedagogo/a nos diversos espaços de educação, incluindo os espaços educativos fora do contexto escolar.

Como uma das contribuições, aponto a habilidade da oratória, ato que em mim foi transformado durante a formação acadêmica na UNILAB, em especial, no Curso de Pedagogia, e que está sendo exercitada por meio do trabalho de mediação nas visitas do Memorial. Em cada nova experiência, com cada grupo, essa habilidade vai se aprimorando, o que facilita lidar com os diversos públicos, algo indispensável ao pedagogo/a. Dessa forma, é preciso entender a noção de currículo que está posto nesse Curso de Pedagogia, isso porque

[...] propor esse currículo afrocentrado para o nosso curso de Pedagogia significa requerer um contínuo processo desalienação existencial (razão-emoção), e portanto, uma desalienação filosófica, quanto ao modo de ser e estar no mundo. Para tanto criar e vivenciar esse currículo tem se revelado em uma investitura filosófica pautada pelo exercício de estabelecer diálogo entre o afrocentrismo e outras formas de pensamento ou referenciais filosófico, de modo a evitar “exageros universalistas” [...]. (SILVA, 2020, p. 293).

Os estudos sobre a Sociologia e Antropologia da Educação levaram-me a perceber como os diversos fenômenos sociais e culturais ocorrem e como a educação está intrínseca a esses fenômenos. Pensar como cada determinado grupo está inserido socialmente e como a educação faz parte desse processo é uma fundamental contribuição para atuar nos mais diversos âmbitos. Dentro ou fora da escola, o contexto social faz-se presente. Assim,

a Sociologia da Educação compõe um corpo teórico fundamental para a compreensão da sociedade e da escola, dos estudantes, suas famílias e práticas pedagógicas dos diferentes agentes educacionais. Nesse sentido, os fundamentos sociológicos da educação constituem importante instrumento de apoio ao trabalho docente e à formação de futuros educadores, contribuindo para a mudança de imagens e representações já construídas sobre a educação, a escola e os sujeitos que participam do processo de ensino-aprendizagem. (FERNANDES, 2010, p. 20)

Compreender como deram-se os avanços educacionais, as transições da educação produzida no seio familiar, a contrição social da escola, os conceitos de educações nos

diversos setores, formal, não formal e informal, é uma das contribuições dos estudos sobre a História da Educação, portanto,

se pensamos na disciplina História da Educação como possibilidade de desenvolvimento da cidadania, temos uma demanda que provém da sociedade. Se pensamos na mesma disciplina com ênfase na aquisição de certos conhecimentos considerados imprescindíveis, temos uma demanda que provém da área disciplinar. Se pensamos na disciplina História da Educação como possibilidade dos estudantes apropriarem-se de um saber fazer que muda constantemente e que dá visibilidade à singularidade dos sujeitos, de sua história e da memória dos grupos aos quais pertencem, que pretende atender às necessidades do seu desenvolvimento pessoal temos uma demanda que provém das pessoas. (NUNES, 2006, p. 176)

Outro estudo essencial para o/a pedagogo/a é a Didática, ou seja, Didática Afrocentrada, isso porque nos proporciona o desenvolvimento de habilidades quanto aos objetivos, aos conteúdos, os métodos e as condições para que ocorram os processos educativos, no caso da experiência no Memorial, foi de extrema importância esses conhecimentos para o desenvolvimento das ações pedagógicas, para, assim, tratar de uma realidade que, muitas vezes, é “esquecida” pela escola local.

Nesse sentido, nos interessa problematizar a partir da integração entre a visão de mundo africana e afro-diaspórica os conteúdos historicamente elaborados sobre teoria do ensino no Ocidente planetário. As práticas pedagógicas estão resultando em discentes comprometidos com a descolonização da vida, das mentes, da escola e da educação em geral. Frente a esse cenário, atravessado por tudo que representa o contemporâneo, o que pode a didática? As possibilidades são muitas e desafiadoras. Cada um, a partir de seu lugar de fala, de conhecimento e de lutas pode tecer contribuições para o protagonismo dessa didática do contemporâneo. Aposto que ela tenha tendências transdisciplinares, ou mesmo rizomáticas. Sua perspectiva é a de contribuir na construção de identidades profissionais docentes menos eurocentradas, mais descolonizadas e movida pela dinâmica das diferenças. (MEIJER, 2019, p. 605)

Os estudos sobre a Autobiografia fizeram-me refletir sobre a importância das nossas experiências enquanto sujeito individual e coletivo para construção dos saberes e das identidades. Nos momentos de interações e nas rodas de conversas, é dada uma relevância a cada relato, a cada experiência explicitada. Posso afirmar que essa é uma forte contribuição para essa atuação, uma vez que dá importância as vozes dos sujeitos que constroem suas próprias histórias. Assim, é possível entender que:

Da suposta neutralidade de seus procedimentos resultaram o artificialismo da separação sujeito-objeto e o formalismo das “leis” sociais buscadas pelas investigações. São esses fatores, principalmente, que contribuíram para a valorização crescente do método autobiográfico. De outro lado, esse método corresponde à exigência de uma nova antropologia, devido aos apelos vindos de

vários setores para se conhecer melhor a vida cotidiana. As teorias sociais voltadas para as explicações macroestruturais não davam conta dos problemas, das tensões e conflitos que tomam lugar na dinâmica da vida cotidiana [...]. (BUENO, 2020, p.17)

Um outro estudo foi o da Pesquisa e Prática da Atuação dos Pedagogo nos Ambientes não Escolares, que, sem dúvidas, foi fundamental para pensar na possibilidade da atuação em outros espaços para além do contexto escolar. Sabemos que é muito forte o imaginário de que o/a pedagogo/a só atua dentro da escola, e esse estudo, durante a formação em Pedagogia, mostrou-me o leque de possibilidades em que os/as pedagogos/as podem alçar.

Em termos da limitação teórica que envolve a educação não-formal, implica, ainda, a formação de profissionais para atuar nesse campo, visto que essa modalidade recebe profissionais de diferentes áreas, os quais, muitas vezes, não tiveram em sua formação inicial, contato com a literatura que possa subsidiar o desenvolvimento de seu trabalho, que, neste campo reserva especificidades. Muitas vezes, os próprios cursos de formação de professores, e em especial os de pedagogia, não privilegiam em seus currículos, uma fundamentação mínima que ampare o profissional que irá atuar nesse campo. (SILVA; PERRUDE, 2013, p. 52)

Para tanto, as atuações pedagógicas no Memorial Leprosaria Canafistula tiveram forte contributo da formação no Curso de Pedagogia da UNILAB, uma vez que atuar nesse espaço exige habilidades específicas, planejamento, reflexão, pesquisa, criação, cuidado com o sujeito, ações que foram desenvolvidas a partir da relação entre formação acadêmica e prática no espaço educativo do Memorial.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o nosso objetivo inicial de propor reflexões sobre as contribuições do Curso de Pedagogia da UNILAB para com a atuação do/a pedagogo/a nos espaços de educação não formal, de abordar as áreas da educação, de apresentar as experiências vividas no Memorial Leprosaria Canafistula e de analisar os saberes adquiridos no Curso de Pedagogia para a atuação profissional, podemos inferir que este estudo converge para uma reflexão sobre a construção de saberes, constituídos por meio das experiências pessoais, dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação acadêmica e das práticas pedagógicas, saberes que constroem uma identidade docente (PIMENTA, 1999) (TARDIF, 2002).

Nesse sentido, a formação do/a pedagogo/a está diretamente

“relacionada com as transformações contemporâneas, enfocando o desenvolvimento humano, o trabalho em equipe, o aprofundamento teórico, estudando os processos de

aprendizagem, as estratégias de ensino, dentre outros requisitos que conferem ao pedagogo sua especificidade” (NASCIMENTO et al., 2010, p. 62).

A partir da formação recebida junto ao Curso de Pedagogia da Unilab, é possível afirmar que o/a pedagogo/a é capacitado para gerir processos educativos, os quais estão presentes nos espaços formais e não formais de educação; um campo de atuação abrangente, onde a eles/elas,

são atribuídas muitas funções específicas da tarefa de educar e, ao contrário de outras profissões que perdem espaço no mercado de trabalho, o pedagogo a cada dia tem seu raio de atuação ampliado por uma gama de espaços educativos que demandam criticidade, consciência histórica e perspectiva política que é revelada na intencionalidade de sua práxis. (ORTEGA E SANTIAGO, 2009, p. 29)

Nesse diálogo, surgiram questões sobre o fazer pedagógico em instituições com caráter educativo, porém não escolares, e nesse sentido foi possível reconhecer que as ações desenvolvidas dentro Memorial Leprosaria Canafístula podem ser percebidas como práticas educativas caracterizadas por educação não formal, uma educação voltada para as transformações sociais e identitárias (GOHN, 2006).

Mas para que essa educação aconteça, faz-se necessário “um profissional que esteja preparado para lidar com a prática pedagógica sistematizada ou não, e esse profissional não podia ser ninguém mais que o pedagogo” (NASCIMENTO et al, 2010, p. 62).

Diante disto, é de suma importância que, durante a formação dos/as pedagogos/as, sejam apresentadas as diversas possibilidades para o exercício da profissão, dentre elas, as atuações nos espaços não escolares. Logo, essa pesquisa demonstra que o Curso de Pedagogia da UNILAB contribuiu para minha expansão profissional na atuação em um ambiente não formal de educação. Porém, é de grande relevância que se ampliem os estudos sobre essa temática, para que os/as profissionais da área possam visualizar-se ocupando esses lugares, como também para contribuir com a produção dos conhecimentos na área da ciência da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, M. M. G. **Descortinando histórias de vida do Centro de Convivência Antônio Diogo, em Redenção, (CE):** relatos de ex-pacientes portadores/as de hanseníase e de seus familiares. 63 f. Monografia (Bacharelado em Humanidades). Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, Redenção, 2016.

BAIALARDI, K. S. O estigma da hanseníase: relato de experiência em grupo com pessoas portadoras. **Hansen Int.** São Paulo, v. 32, n. 1, p. 27-36, 2007.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação.** 41ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências. Lei nº 9.010 de 29 de março de 1995.** Brasília, 1995.

BUENO, B. O. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores:** a questão da subjetividade. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653.pdf> Acesso: 07 abr. 2021.

FERNANDES, M. C. da S. G. A sociologia da educação como campo de conhecimento. **Revista Ambiente e Educação.** São Paulo, v. 3, n. 2, p. 13-21, jul./dez. 2010. Disponível em <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/153>. Acesso em: 10 abr. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio.** Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar., 2006.

GOHN, M. da G. **Movimentos sociais na contemporaneidade.** Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011. p. 333-513. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Secretária da Saúde. **Boletim epidemiológico hanseníase.** 10 jun. 2020. Disponível em: https://www.saude.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/9/2018/06/boletim_hanseniase_10_06_2020_v2.pdf. Acesso em: 08 mar. 2021.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA, H. de P. Hanseníase. **Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade.** 2021. Disponível em: <https://www.sbmfc.org.br/hanseniase/> Acesso em: 05 mar. 2021.

KUPIEC, A.; NEITZEL, A. de A.; CARVALHO, C. A mediação cultural e o processo de humanização do homem. **Antares: Letras e Humanidades.** Caxias do Sul, v. 6, n. 11, jan./jun., 2014.

MARANDINO, M. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal?. **Ciência Educ.** Bauru, v. 23, n. 4, p. 811-816, out./dez., 2017.

MEIJER, R. de A. e S. **A formação docente afrocentrada da Unilab: o saber docente ancestral no ensino de didática nos países da integração.** Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6217>. Acesso em: 08 abr. 2021.

MICHAELIS. Dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021 Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=educa%C3%A7%C3%A3>. Acesso em: 11 jan. 2021.

NASCIMENTO, A. S. et al. A atuação do pedagogo em espaços não escolares: desafios e possibilidades. **Pedagogia em Ação.** Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 61-65, fev./jun., 2010.

NUNES, C. **A disciplina História da Educação na formação de professores: desafios contemporâneos.** História da Educação. Pelotas, n. 19, p. 173-180, abr., 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29411>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ORTEGA, L. M. R.; SANTIAGO, N. B. A atuação do pedagogo: que profissional é esse?. **Pedagogia em ação.** Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 29-35, ago./nov., 2009.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In:* PIMENTA, S. G. (Org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez Editora, 1999, p. 15-34.

SEVERO, J. L. R. de L. **Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. [on-line]. Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, set./dez., 2015.

SILVA, A. L. F. da.; PERRUDE, M. R. Atuação do Pedagogo em Espaços Não-Formais: Algumas Reflexões. **Revista eletrônica pró-docência/UUEL.** Londrina, v. 1, n. 4, jul./dez., 2013.

SILVA, G. C. et al. Percursos epistemológicos para a construção da noção de sujeito da pesquisa junto aos trabalhos de conclusão de Curso na Pedagogia (CE) da UNILAB. *In:* SILVA, G. C. et al. (Orgs.). **Pesquisa e desenvolvimento: desafios e oportunidades em ciência, tecnologia e engenharia** [recurso eletrônico] Fortaleza: Imprece, 2020.

SOUZA, E. C. de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. *In:* NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Orgs.). **Memória e formação de professores** [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 59-74.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

UNILAB. Projeto Pedagógico Curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia. 2014.

VIEIRA, J. G. S. **Metodologia de pesquisa científica na prática.** Curitiba: Ed. Fael, 2012.